



Avaliação,
Políticas
e Expansão
**da Educação
Brasileira 9**

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 9

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	<p>Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 9 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 9)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-466-5 DOI 10.22533/at.ed.665191007</p> <p>1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.981</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AÇÕES E RESULTADOS ADVINDOS DA TERCEIRA EDIÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO “GUARDA RESPONSÁVEL AOS ANIMAIS DE COMPANHIA”	
Maria Aparecida Gonçalves da Fonseca Martins Valquiria Nanuncio Chochel Ingrid Caroline da Silva Luciana da Silva Leal Karolewski	
DOI 10.22533/at.ed.6651910071	
CAPÍTULO 2	7
ANÁLISE DISCURSIVA DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO DE ESCOLA PÚBLICA: AS REPRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS	
Enéas Machado Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6651910072	
CAPÍTULO 3	30
ANÁLISES DE PAISAGENS EM PRODUÇÕES IMAGÉTICAS SOBRE FRONTEIRA	
Sivaldo de Macedo Michenco Lucilene Ramoa Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.6651910073	
CAPÍTULO 4	40
AS ÁRVORES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O CICLO DAS ÁGUAS	
Deborah Terrell Jean Pierre Batista da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6651910074	
CAPÍTULO 5	54
AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA DE UNIDADES DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA REGIÃO CENTRAL DO RS	
Iasmin Caroline de Almeida Veeck Mariane Lobo Ugalde Mariana Moura Ercolani Novack Valmor Ziegler Alice de Souza Ribeiro Fernanda Miranda Conterato	
DOI 10.22533/at.ed.6651910075	
CAPÍTULO 6	61
DESENHO: EM CONSTRUÇÃO	
Luisa de Godoy Alves Letícia Crespo Grandinetti	
DOI 10.22533/at.ed.6651910076	

CAPÍTULO 7	72
EXPERIMENTOTECA ITINERANTE DA TRIFRONTEIRA	
Osmar Luís Nascimento Gotardi	
Luan Barichello Corso	
Mario Victor Vilas Boas	
Marisa Biali Corá	
DOI 10.22533/at.ed.6651910077	
CAPÍTULO 8	86
FAZENDO ESTATÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	
Angela Maria Marcone de Araujo	
Clédina Regina Lonardan Acorsi	
Sebastião Gazola	
DOI 10.22533/at.ed.6651910078	
CAPÍTULO 9	96
FÍSICA (LEI DE OHM) VERSUS GEOLOGIA (CONTAMINAÇÃO)	
Lena Simone Barata Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6651910079	
CAPÍTULO 10	109
MÉTODO DE OBTENÇÃO DE ALUMINA EMPREGADA COMO SUPORTE DE CATALISADOR DE REFINO DE PETRÓLEO A PARTIR DE LATAS DE ALUMÍNIO	
Damianni Sebrão	
Jocássio Batista Soares	
Oséias Alves Pessoa	
Adriane Sambaqui Gruber	
Isabella Moresco	
Pedro Pastorelo	
DOI 10.22533/at.ed.66519100710	
CAPÍTULO 11	115
PARCERIA ESCOLA/EMPRESA E SEUS EFEITOS NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA REFLEXÃO SOBRE TEMPOS/ESPAÇOS CONTEMPORÂNEOS	
Viviane Klaus	
Maria Alice Gouvêa Campesato	
DOI 10.22533/at.ed.66519100711	
CAPÍTULO 12	127
PERFIL DOS MANIPULADORES DE ALIMENTOS DO MUNICÍPIO DE JÚLIO DE CASTILHOS – RS	
Iasmin Caroline de Almeida Veeck	
Thiane Helena Bastos	
Mariana Moura Ercolani Novack	
Alice de Souza Ribeiro	
Fernanda Miranda Conterato	
Valmor Ziegler	
Mariane Lobo Ugalde	
DOI 10.22533/at.ed.66519100712	

CAPÍTULO 13	131
PERFIL E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	
Diovani Luzia Pozza Rodrigo Campos Ferreira Maria Jose Carvalho De Souza Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.66519100713	
CAPÍTULO 14	144
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO DA FAIXA DE FRONTEIRA: POSSIBILIDADE PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EXTENSÃO	
Denise Valduga Batalha Eliseo Salvatierra Gimenes Raquel Lunardi	
DOI 10.22533/at.ed.66519100714	
CAPÍTULO 15	151
SALA DE AULA INVERTIDA: POSSIBILIDADES DE OUTRAS RELAÇÕES COM O CONHECIMENTO NA ÁREA DE BIOLOGIA	
Ana Paula Batalha Ramos Rafael dos Anjos Mendes Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.66519100715	
CAPÍTULO 16	161
“SE LIGA” NA BICHARADA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DIDÁTICA INTERDISCIPLINAR	
Nathalie Sena da Silva Allyne Evellyn Freitas Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.66519100716	
CAPÍTULO 17	168
UMA NOVA ABORDAGEM PARA O ENSINO DO SISTEMA ABO – A EXPERIÊNCIA DO BIOLOGANDO	
Raquel Claudiano da Silva Matheus Cavalcanti de Barros Isabela Oliveira da Mota Florencio Maria Luiza de França Duda Sueven Oliveira de Souza Oliane Maria Correia Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.66519100717	
CAPÍTULO 18	174
UMA PRÁTICA DE ESTUDO E APRENDIZAGEM COLABORATIVA: PROJETO ANJO	
Mariane Freiesleben Paula Juca de Sousa Santos Pedro Henrique da Conceição Silva Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.66519100718	

CAPÍTULO 19	187
VIAGEM À MARTE: UMA PROPOSTA DE MINICURSO BASEADA NO ENFOQUE CTS E NO MÉTODO CENTRADO NO ALUNO	
Gisele Correa Gonçalves Elisson Andrade Batista Ademir Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.66519100719	
CAPÍTULO 20	193
A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM RADIOLOGIA SOB A ÓPTICA DA HUMANIZAÇÃO EM SAÚDE: UMA REFLEXÃO A RESPEITO DA INFLUÊNCIA DOCENTE NOS PROCESSOS FORMATIVOS	
Marcelo Salvador Celestino Vânia Cristina Pires Nogueira Valente	
DOI 10.22533/at.ed.66519100720	
CAPÍTULO 21	202
O DESENVOLVIMENTO DA VALORIZAÇÃO E DA AUTONOMIA DO IDOSO ATRAVÉS DA PARTICIPAÇÃO NA UNIVERSIDADE ABERTA PARA A MELHOR IDADE EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO MATO GROSSO DO SUL	
Paulo Ramsés da Costa Márcia Maria de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.66519100721	
CAPÍTULO 22	213
O MÉTODO DA PESQUISA DO FENÔMENO SITUADO UTILIZADO NA CONSTITUIÇÃO DE QUESTIONÁRIO COMO POSSÍVEL INSTRUMENTO PARA PROFISSIONAIS DE HOSPITAIS TORNAREM A SALA DE ESPERA DE PACIENTES PARA A QUIMIOTERAPIA MAIS HUMANIZADA	
Luiz Augusto Normanha Lima Rodolfo Rodolfo Franco Puttini	
DOI 10.22533/at.ed.66519100722	
CAPÍTULO 23	223
AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE RURAIS: SABERES E PRÁTICAS SOBRE CÂNCER DE BOCA E PELE	
Lucimare Ferraz Carla Argenta Leila Zanatta Jessica de Sousa Oliveira Emanuelli Carly Dall Agnol	
DOI 10.22533/at.ed.66519100723	
CAPÍTULO 24	234
CONSULTA DE ENFERMAGEM COM ABORDAGEM SINDRÔMICA: DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES E COMPETÊNCIAS	
Claudia Messias Ann Mary Rosas Patricia Salles de Matos Ana Luiza de Oliveira Carvalho Helen Campos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66519100724	

CAPÍTULO 25	242
EDUCAÇÃO EM SAÚDE: O QUE PENSAM OS PROFISSIONAIS NO CONTEXTO DA ATENÇÃO BÁSICA?	
Pollyana Barbosa de Lima Andrea Sugai Mortoza Edna Regina Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.66519100725	
CAPÍTULO 26	249
EDUCAÇÃO PERMANENTE E POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE: PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS E COORDENADORES DE MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE DO OESTE DE SANTA CATARINA	
Frozza Elenir Salete Salvi Leonora Vidal Spiller	
DOI 10.22533/at.ed.66519100726	
CAPÍTULO 27	263
EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE: AVANÇOS E DESAFIOS NA GESTÃO EM SAÚDE NO BRASIL	
Kátia Ferreira Costa Campos Paula Brant de Barros Oliveira Vanessa de Almeida Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.66519100727	
CAPÍTULO 28	275
QUALIDADE DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: ANÁLISE DO PERÍODO 2004-2013 PÓS-SINAES	
Otilia Maria Lúcia Barbosa Seiffert Ively Guimarães Abdalla Lidia Ruiz-Moreno Patricia Lima Dubeux Abensur	
DOI 10.22533/at.ed.66519100728	
SOBRE O ORGANIZADOR	291

UMA PRÁTICA DE ESTUDO E APRENDIZAGEM COLABORATIVA: PROJETO ANJO

Mariane Freiesleben

Mestre em Ciências do Ambiente – Docente de Geografia do IFTO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Paraíso do Tocantins.

Paula Juca de Sousa Santos

Mestre em Ciências da Educação – Docente do Núcleo de Letras do IFTO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Paraíso do Tocantins

Pedro Henrique da Conceição Silva

Mestre em Ciências, Inovação e Tecnologia – Docente de Física do IFTO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Paraíso do Tocantins

Roberto Lima Sales

Mestre em Educação – Docente de Arte do IFTO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Paraíso do Tocantins

RESUMO: Neste trabalho é relatado um projeto realizado com estudantes do cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio integrado com a Educação Básica de aprendizagem, no modelo colaborativo de trabalho. Os discentes que participaram foram selecionados para desempenharem o papel de monitores e monitorados, que no projeto são denominados respectivamente: “Anjo da Guarda” e “Protegido”. O interesse pela temática surgiu

diante dos desafios constatados pelos docentes do Campus, que ao final do bimestre letivo verificam realidades extremas, um estudante com notas excelentes e vários com dificuldades. Deste quadro, implantou-se o projeto que constitui na promoção do aluno excelente a anjo da guarda, transformando assim o discente que tem facilidade, em protetor do aluno com dificuldades, motivando-o a ser semeador de conhecimento e viabilizando caminhos ao discente com dificuldades para desenvolver seu próprio processo de aprendizagem. O método proposto para o desenvolvimento deste trabalho consistiu, em consultas por disciplina, bimestralmente, promovendo os alunos com notas acima de sete pontos, a serem instigadores de um dos seus colegas de classe com notas inferiores a seis, ignorando sexo, cor ou quaisquer demais fatores. Ao final do bimestre, o discente protegido que obteve nota igual ou superior a seis, gera como estímulo ao estudante anjo um ponto extra em sua média bimestral. Durante o desenvolvimento notou-se uma maior colaboração entre os estudantes e mais harmonia entre todos nas atividades de ensino/aprendizagem desenvolvidas, onde o próprio discente passou a agir numa postura de sujeito ativo do seu processo de aprendizagem ansiando pela participação no projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Bimestre, Colaboração, Discente, Promoção, Protegido

ABSTRACT: In this work we report a project carried out with students of the courses of Technical Professional Education of Middle Level integrated with the Basic Education of learning, in the collaborative model of work. The students that participated were selected to play the role of monitors and monitored, which in the project are called respectively “Guardian Angel” and “Protected”. The interest in the subject arose in the face of the challenges faced by the Campus teachers, who at the end of the school year verified extreme realities, a student with excellent grades and several with difficulties. From this framework, the project was implemented that constitutes in the promotion of the excellent pupil the guardian angel, thus transforming the student who has facility, in protector of the student with difficulties, motivating him to be a sow of knowledge and viable ways to the student with difficulties to develop their own learning process. The proposed method for the development of this work consisted, in consultations by discipline, bimonthly, promoting students with scores above seven points, to be instigators of one of their classmates with marks lower than six, ignoring sex, color or any other factors. At the end of the two-month period, the protégé who obtained a grade equal or superior to six, generates as stimulus to the angel student an extra point in his bi-monthly average. During the course of development, greater collaboration between the students and more harmony among all were found in the teaching / learning activities developed, where the student started to act in an active subject posture of his / her learning process looking forward to participating in the project.

KEYWORDS: Bimester, Collaboration, Student, Promotion, Protected

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho objetivou relatar o desenvolvimento do projeto realizado com estudantes de cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio integrado com a Educação Básica de aprendizagem no modelo colaborativo de trabalho no ano letivo de 2018. Os discentes selecionados atuaram como monitores e monitorados, que neste projeto foram denominados “Anjo da Guarda” e “Protegido”. A participação no projeto funcionou como instrumento favorecedor de aprendizagem para monitor e monitorado dos estudantes do Ensino Médio em componentes e turmas selecionadas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Paraíso do Tocantins – IFTO, pois de acordo com Schneider (2006) o trabalho de monitoria contribui com o desenvolvimento da competência pedagógica e auxilia na apreensão e produção do conhecimento.

Conforme Frison:

As Instituições de Ensino Superior (IES) buscam investir em estratégias e práticas que lhes permitam conquistar melhores resultados, tanto na avaliação do Ministério da Educação quanto no prestígio reverberado pelos egressos. Isso já constitui, por si só, motivo para investir em formas alternativas de trabalho, estimuladoras de aprendizagem, como é o caso das monitorias (2016, p.135).

Embora exista com frequência a figura do monitor e a ação de monitoria nas

Universidades poucos são os estudos/trabalhos disponibilizados sobre o tema que nos auxiliassem nas dificuldades percebidas ao longo do projeto (NATARIO; SANTOS, 2010). O interesse pela temática surgiu pelos desafios constatados pelos docentes do Campus, que ao final do bimestre verificam realidades extremas, um aluno(a) com notas excelentes e vários(as) com dificuldades.

Por conseguinte, neste projeto foi implantada esta experiência em turmas do Ensino Médio, pois acredita-se que a monitoria seja um espaço de aprendizagem proporcionado aos estudantes (ABREU; MASETO, 1989; NATÁRIO; VENDRAMINI, 1998), e sua finalidade seja criar condições de aprofundamento teórico além, do desenvolvimento de habilidades de integração, fortalecimento de laços de amizade e cooperativismo. Não se pretende aqui atribuir na integra a atividade de monitoria aos discentes do Ensino Médio, mas encaminha-los para uma futura situação já na Universidade.

Até porque de acordo com Frison:

O uso de monitoria sempre foi uma estratégia utilizada em escolas unidocentes, cuja prática era atender, na mesma sala de aula, alunos da 1ª à 5ª série, pois, assim, os mais experientes ajudavam os que estavam cursando séries mais iniciais. No Ensino Superior, somente na década de 1960, com a Lei de Reformulação do Ensino Superior (Lei BR nº 5540/68), é que se instituiu oficialmente a figura do monitor. O art. 41 determina que as universidades criem as funções de monitor para alunos do curso de graduação. Para se tornarem monitores, os candidatos devem ser submetidos a provas específicas, a fim de demonstrar capacidade de desempenho em atividades técnico-didáticas de determinada disciplina (2016, p. 138).

Partindo desse pressuposto, a presente pesquisa teve por objetivo integrar os estudantes no processo de ensino-aprendizagem, de forma que os discentes ajam como agentes deste procedimento, viabilizando oportunidades de aprendizagem, estimulando a colaboração entre eles, elevando o nível de aprendizagem e fortalecendo através de experiências os pilares da educação. A educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (UNESCO, 2010). E o projeto também auxilia os discentes que apresentam dificuldades de aprendizagem a fortalecerem seus laços de amizade, oportunizando envolvimento com estudantes disciplinados, e quem sabe assim desenvolverem melhor seus estudos, tanto o anjo como o protegido. E para Lins:

[...] o laboratório vivido na monitoria serve para despertar vocações ou para prevenir erros futuros. Os ensinamentos adquiridos junto ao monitor e aos alunos monitorados integram-se à carga intelectual e social do aluno, revelando-lhe novos horizontes e perspectivas acadêmicas, fazendo os mesmos monitorados e monitores a adquirirem uma visão mais ampla de educador (2009, p.02).

Entende-se que esta metodologia não seja nova, pois no século XVIII, já era utilizada na Inglaterra por leigos denominados “ensino mútuo ou monitoral”, onde adolescentes eram instruídos diretamente pelos docentes, os mesmo atuavam como auxiliares e monitores, ou seja ensinando outros adolescentes, para o autor

a importância desta técnica era o fato no monitor minimizar e abreviar o trabalho do mestre, acelerando o progresso dos estudantes. Neste sistema o mais capaz auxilia o menos capaz, caracterizando a instrução simultânea, e todos avançam gradualmente, a definida pedagogia do ensino mútuo ou monitoral (FRISON, 2016, p. 137).

Neste transcurso obtém-se um modelo de aprendizagem colaborativa, onde Torres, Alcantara e Irala (2004, p.129) acreditam ser uma proposta de construção coletiva do conhecimento, por meio de diversas formas de interação. Segundo as autoras, “esse modelo de aprendizagem tem demonstrado ser efetivo em aumentar o nível acadêmico dos estudantes e em desenvolver habilidades de trabalho em equipe.” Pesquisas realizadas apontam que estudantes que aprendem em grupos pequenos apresentam maior realização do que estudantes que foram expostos à instrução privados de trabalhos colaborativo ou cooperativo (FRISON, 2016).

No contexto do projeto Anjo da Guarda, a aprendizagem colaborativa (entre os estudantes) foi utilizada como estratégia de ensino pelos professores participantes da proposta para o encorajamento e a participação no processo de aprendizagem ativo e efetivo, sendo eles os protagonistas desse processo.

A proposta do programa contou ainda como um complemento no conhecimento transmitido ao aderir à interdisciplinaridade, pois envolveu docentes de diversas áreas do conhecimento como Arte, Física, Geografia e Língua Portuguesa. Para os que entendem a interdisciplinaridade como um processo, a instauração de um diálogo entre diferentes disciplinas pode ser tanto para resolver um problemas ligados a uma ação ou decisão como para compreender as relações entre os conhecimentos disciplinares. Nessa perspectiva, Lück (1994) a define como:

[...] o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos [...] (op. cit., p. 64).

A ideia de incluir áreas diversificadas na proposta de auxílio e acompanhamento dos estudantes traduz o entendimento de que, para superar a fragmentação do ensino, não é suficiente que um professor isoladamente articule conteúdo das diversas disciplinas, mas que a articulação aconteça entre os docentes. Esse conceito fica mais claro quando se considera realmente, que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos que pode ser de questionamento, de confirmação e de aplicação.

O posicionamento adotado neste trabalho é que a interdisciplinaridade vai além da opção epistemológica de integrar conhecimentos, ela é entendida como incorporadora da interação entre docentes que têm por objetivo analisar o desenvolvimento adquirido pelos educandos no decorrer do processo aproveitando as contribuições de diferentes disciplinas. Considerar essa interação como parte essencial do trabalho pedagógico pode tornar a aprendizagem enriquecedora tanto para o estudante como para os professores que a promovem, transformando a educação em um processo mais

dinâmico e desafiador do que o trabalho docente individualizado.

Toda a proposta do projeto foi subsidiada no entendimento das contribuições reais e efetivas da colaboração entre os “anjos” e “protegidos”, favorecendo para ambos o desenvolvimento dos aspectos já relatados, considerados importantes para um ambiente propício à aprendizagem significativa e efetiva.

2 | APRENDIZAGEM COLABORATIVA X DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Na atualidade é cada vez em menor, a quantidade de discípulos nas correntes pedagógicas que acreditam que o conhecimento se passa de uma cabeça para outra. Construir ambientes de aprendizagem alicerçados em uma visão sócio interacionista de Vygotsky e outros pensadores e estudiosos, que acreditam que o desenvolvimento intelectual ocorre em função das interações sociais e condições de vida tem sido bastante reconhecido e difundido nas instituições de ensino e seus educadores.

Segundo Torres, Alcantara e Irala (2004) as atividades colaborativas caracterizam como “um conjunto de abordagens educacionais também chamadas de aprendizagem cooperativa”, também conhecida como atividades em grupos pequenos. Onde o professor reúne os participantes em torno de um só objetivo, de forma a conduzir os trabalhos onde todos se esforçam para obtenção do resultado desejado, a aquisição de novos conhecimentos.

As palavras cooperação e colaboração causam certa confusão, sendo, muitas vezes utilizadas como sinônimas. Essa confusão foi constatada na revisão bibliográfica realizada durante a pesquisa. Existem pesquisadores que acreditam que o termo cooperação é mais abrangente, ao passo que na colaboração existe um objetivo comum entre as pessoas que trabalham em conjunto sem uma hierarquia (NITZKE, CARNEIRO, GELLER, 1999).

Segundo Panitz (1996) “A colaboração é uma filosofia de interação e um estilo de vida pessoal, enquanto que a cooperação é uma estrutura de interação projetada para facilitar a realização de um objetivo ou produto final.” Sendo a aprendizagem colaborativa uma filosofia de ensino, e não técnicas de sala de aula.

Contribuiu ainda Panitz (1996) quando diz que:

Em todas as situações onde pessoas formam grupos, a Aprendizagem Colaborativa sugere uma maneira de lidar com as pessoas que respeita e destaca as habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo. Existe um compartilhamento de autoridade e a aceitação de responsabilidades entre os membros do grupo, nas ações do grupo. A premissa subjacente da aprendizagem colaborativa está baseada na construção de consenso por meio da cooperação entre os membros do grupo, contrapondo-se à ideia de competição, na qual alguns indivíduos são melhores que outros. Os praticantes da Aprendizagem Colaborativa aplicam essa filosofia na sala de aula, nas reuniões de comitê, com grupos comunitários, dentro de suas famílias e geralmente como um modo de viver e lidar com outras pessoas (p. 1).

O processo de cooperação, neste sentido, se torna um processo mais controlado

pelo professor, é um processo mais direcionado, enquanto na colaboração o estudante desempenha um papel mais ativo, protagonista de sua aprendizagem, como costumamos nos referir neste trabalho. Contribuindo assim para seu crescimento pessoal, que segundo Antunes (2008, p.22) “os jovens vão à escola não apenas para aprender, mas também para o desenvolvimento de suas capacidades e equilíbrio pessoal, de sua inserção social, de sua autoestima e relações interpessoais”. E ainda, conforme Bzuneck (2000, p. 9) “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”.

Já Santos alerta para o fato de:

Em uma sala nem sempre é possível ao professor visualizar a heterogeneidade da turma, uma vez que cada um possui características individuais que devem ser respeitadas, necessidades de cada aluno, devido ao pouco tempo de convivência com o mesmo e que fazem com que cada aluno tenha um ritmo de aprendizagem e grau de dificuldade diferente dos demais (2008, p. 87).

E ao utilizar esta metodologia, também é desenvolvido o senso de equipe dos estudantes, a valorização e o compartilhamento dos saberes individuais de cada um, além da obtenção de valores como respeito mútuo. Como o ensino e aprendizagem é compartilhado, acredita-se que por meio desta técnica cada participante expõe suas próprias ideias, se expressa e fala livremente, visando atingir um consenso.

Por meio destas estratégias, o docente passa de transmissor para facilitador, viabilizando aos discentes a produção e construção de conhecimento por eles mesmos. Utilizando a aprendizagem colaborativa, todos aprendem. Nesta atividade é oportunizado a potencialização de autonomia dos estudantes, rompendo estruturas tradicionais de ensino, superando modelos ultrapassados, que não condizem com nossa realidade atual, nem tão pouco as expectativas dos alunos e alunas.

3 | MATERIAL E MÉTODOS

Há diversas formas de se construir o conhecimento e o docente deve estar atento para os significados atribuídos a determinadas palavras e noções. Esta pesquisa é realizada de forma direta onde os dados são obtidos de várias formas, podendo ser considerado qualitativo e quantitativo. Quantitativo porque consiste de dados mensuráveis a fundamentação da pesquisa. Qualitativo porque o presente estudo não se deteve apenas na quantificação dos resultados, mas também no acompanhamento e evolução das turmas como um todo.

O método proposto para o desenvolvimento deste trabalho inclui consultas por disciplina, por bimestre, promovendo os alunos com notas maiores que sete pontos, a serem instigadores dos discentes, com as notas inferiores (a maior nota com a menor nota), ignorando sexo, cor ou quaisquer demais fatores. Se ao final do bimestre o aluno com dificuldades obtiver nota igual ou maior que seis, o aluno anjo é promovido com um ponto na média do bimestre. A cada bimestre é realizado um estudo verificando

quais discentes se destacaram e quais tiveram mais dificuldades e todo processo é reiniciado.

Participaram cinco turmas do Ensino Médio Integrado, sendo duas turmas de primeiro ano com 86 discentes, duas turmas do segundo ano totalizando 54 estudantes e uma turma do terceiro ano com 20 discentes, totalizando 160 discentes.

TURMAS	DISCENTES ASSISTIDOS POR BIMESTRE			
	1º BIM	2º BIM	3º BIM	4º BIM
1º ANO AGROINDÚSTRIA	X	16	12	18
1º ANO INFORMÁTICA	X	08	10	10
2º ANO AGROINDÚSTRIA	X	04	04	10
2º ANO INFORMÁTICA	X	12	08	08
3º ANO AGROINDÚSTRIA	X	10	08	08

Tabela 01. Total de anjos e protegidos em cada turma por bimestre.

Fonte: Autores, 2019.

Ao longo dos bimestres várias alterações ocorreram, pois alguns anjos saíram do limite de média necessária para continuar com a atividade alterando a tabela, buscou-se sempre que possível deixar o mesmo anjo e protegido em todos os bimestres, e quando necessária a troca tentou-se o diálogo com os participantes almejando uma empatia maior entre os pares. Embora os discentes do terceiro ano estivessem no projeto, não atingiram ao longo do período a média necessária para participarem do mesmo.

Neste trabalho a tecnologia foi um grande facilitador da estratégia de aprendizagem, e também utilizada, pois assessorou nossa técnica colaborativa. Já utilizamos em turma um grupo para tirar dúvidas do conteúdo via whatsapp, além disso é costume postar no facebook esquemas, vídeos que evocam o conhecimento aprendido. Mediante o grupo de estudo, os próprios discentes utilizaram estes recursos como ferramenta de construção conjunta de conhecimentos. Estimulando a autonomia e o cooperativismo na interação entre estudantes e docentes, anjos e protegidos.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise do quadro de participantes, tabela 01, no primeiro bimestre o projeto não teve andamento, pois buscamos analisar as turmas e participantes, no segundo bimestre o projeto atendeu 31% dos discentes nas turmas assistidas, e o percentual de discentes em recuperação foi de 29%, importante destacar que nem todos os estudantes com dificuldades possuem anjo, devido os critérios para realizar esta atividade. No terceiro bimestre passamos a acompanhar 26% das turmas e o percentual de discentes com nota inferior à média 6 foi de 26%.

Por meio dos relatórios percebeu-se um acompanhamento mais aprofundado

dos anjos e protegidos, em alguns casos foi possível receber relatórios emocionantes, como o de um estudante que colocou-se imensamente grato ao projeto e seu desempenho neste ano letivo. Por meio do anjo o mesmo fortaleceu laços de amizade e companheirismo com toda a turma, relato do próprio discente.

Vale destacar alguns depoimentos significativos que apontam os pontos fortes do projeto e suas contribuições para o processo ensino-aprendizagem. Ressalta-se que para garantir o anonimato dos estudantes, foram atribuídos nomes fictícios.

Segundo os estudantes, no caso os anjos, o envolvimento no projeto os levou a trilhar por caminhos diferentes do que havia planejado para sua formação no ensino médio. Em seus relatos um dos anjos afirmou que:

“[...] não imaginava que fosse assumir a função de ensinar meu protegido, eu imaginava que iria estudar as disciplinas de geografia, língua portuguesa, física e arte da mesma forma que sempre estudei, onde cada um tem que se virar para aprender e toda a tarefa de ensinar fica a cargo do professor [...] mas eu assumi a função de anjo e daí segui outro caminho, passei a auxiliar meu protegido, passei a ensiná-lo o que eu havia aprendido, as vezes eu ensinava coisas pra ele que eu não tinha aprendido direito, mas quando passava a ensinar eu repetia um certo assunto e daí de tanto revisar, pesquisar e ensinar o assunto eu passava a aprender mais sobre esse assunto” (ADRIANA; LAURA; MARTA, 2018).

Observando o relato de Adriana, constatamos como a experiência de atuar como anjo a estimulou a ensinar e a aprimorar cada vez mais o seu conhecimento. Mesmo em momentos em que se sentiu insegura para ensinar um certo conteúdo, ela persistiu em ensinar repetidas vezes, e o ato de ensinar ampliou seu conhecimento em relação ao conteúdo explorado, sanou dúvidas existentes e a deixou mais segura enquanto estudante anjo.

A estudante Laura afirma que a partir do momento em que assumiu a responsabilidade de auxiliar no processo de aprendizagem de sua protegida, sentiu-se exercendo a função de uma “aluna-professora”:

“[...] a partir do momento em que eu assumi a missão de ‘proteger’ minha colega, eu senti que havia assumido uma grande responsabilidade, porque eu tinha que ajudá-la a aprender os conteúdos da disciplina e orientá-la a fazer os trabalhos e avaliações [...] de certa forma, eu me via como uma aluna-professora [...] isso fez com que eu cobrasse mais esforço de mim mesma, porque eu tinha a responsabilidade de aprender da melhor forma possível para depois poder ensinar minha protegida da melhor forma possível” (ADRIANA; LAURA; MARTA, 2018).

Nesse sentido, Laura percebeu-se como a ponte entre o professor e a aprendizagem dos conteúdos explorados em sala de aula. Ela percebeu sua função como estudante mediadora e também a responsabilidade que assumiu como anjo, isso a motivou a se dedicar mais ainda ao estudo das disciplinas para que assim pudesse dominar os conteúdos disciplinares, orientando sua protegida de uma forma competente e segura, além de servir como exemplo de uma estudante anjo dedicada e responsável.

Laura também afirma que esta experiência reforçou o vínculo entre anjo e protegido. Neste sentido, sua protegida, a estudante Marta, relata que esta experiência

a motivou a estudar mais, ela se sentiu mais confiante em si mesma, sentiu-se mais aliviada e com mais coragem para apresentar suas dúvidas para sua colega anjo. Marta relata que a partir do momento em que se tornou uma protegida sua ansiedade de estudante iniciante diminuiu ao ponto de se sentir aliviada:

“[...] eu gostei muito da experiência do anjo, depois que passei a ser protegida minha ansiedade de aluna iniciante diminuiu, me sinto mais motivada pra estudar e passei a ter mais confiança em mim mesma [...] também passei a ter mais coragem para tirar minhas dúvidas com minha anjo, antes eu tinha muita vergonha de expor minhas dúvidas [...]” (ADRIANA; LAURA; MARTA, 2018).

Com base nestes e em outros relatos constatou-se que a metodologia colaborativa do projeto Anjo da Guarda tornou o estudante anjo um parceiro ativo do processo ensino-aprendizagem, de forma que a dupla, anjo e protegido, atuou em conjunto construindo conhecimento e desenvolvendo valores sócio-afetivos como partilha, colaboração, responsabilidade, confiança e tolerância. O desenvolvimento desta metodologia otimizou um cenário de práticas de ensino-aprendizagem entre estudantes, envolvendo este em constante interação com atividades didáticas que exigiram postura frente as mais diversas situações encontradas.

Anjo e protegido provocaram um ao outro no sentido de perceber a si próprio por um outro ângulo. De forma que, o anjo percebeu-se na função de estudante-mediador, provocado a questionar seus saberes e a aprimorá-los, já o protegido percebeu-se mais motivado, menos ansioso, mais seguro, sem medo de cometer erros, sem medo de questionar ou apresentar dúvidas.

Destaca-se dessa forma uma espécie de aprendizado colaborativo advindo com a experiência dos pares, anjo e protegido, onde não somente o anjo ensinou, visto que o aprendizado e ensinamento foram recíprocos. Logo, as duplas relataram que um aprendeu com o outro tanto em relação a assimilação de conteúdos escolares como também na aprendizagem dos valores da vida e da inteligência emocional. Estes resultados mostram o quanto o crescimento acadêmico e pessoal do estudante, se deve, em grande parte, a necessidade de provocá-lo e de desafiá-lo a colocar-se no lugar do outro e a colocar-se como protagonista de sua própria história, capaz de confrontar suas dúvidas, seus temores, sua insegurança e seus valores.

O projeto contribui significativamente para intensificar a relação professor-aluno e a relação aluno-aluno, uma vez que o anjo vivenciou tanto o papel de professor quanto o papel de aluno. Assim, o anjo passou a colocar-se no lugar do seu protegido e no lugar do seu professor. Isso fez com que o anjo passasse a ter mais empatia com os sentimentos do seu protegido e com as situações-problemas enfrentadas por ele.

Esses resultados contribuíram bastante para ajudar o professor a solucionar, junto com seus estudantes, os problemas que surgem no dia-a-dia do processo ensino aprendizagem. E para que isso acontecesse foi necessário um diálogo aberto entre o anjo, o protegido e o professor, junto a um sentimento de equipe e colaboração entre estes e todos os envolvidos no processo.

Desta forma foi possível avaliar os resultados tanto no contexto engajamento como entrosamento e assimilação dos conteúdos, e ao final de cada bimestre, foram utilizadas metodologias formais para verificação do nível de retenção e compreensão do conhecimento produzido pelo estudante.

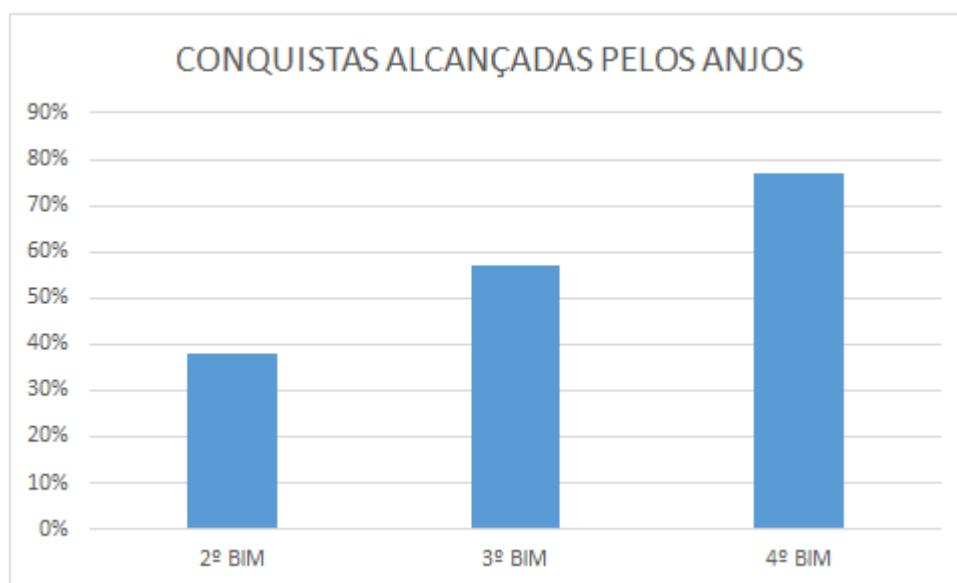


Figura 1: Gráfico demonstrando o desempenho dos estudantes participantes do projeto.

Fonte: Autores, 2018.

No quarto bimestre o projeto assistiu 34% das turmas e 20% continuaram com notas inferiores à média, em alguns casos é possível observar que foram estudantes que não estavam no projeto.

Em relação aos resultados observamos que dentro da totalidade de estudantes participantes do projeto, comparando os bimestre no segundo bimestre mais que 30% foram aprovados sem recuperação, no terceiro bimestre mais de 50%, e no quarto bimestre atingimos mais de 70% de aprovação sem recuperação dos participantes do projeto.

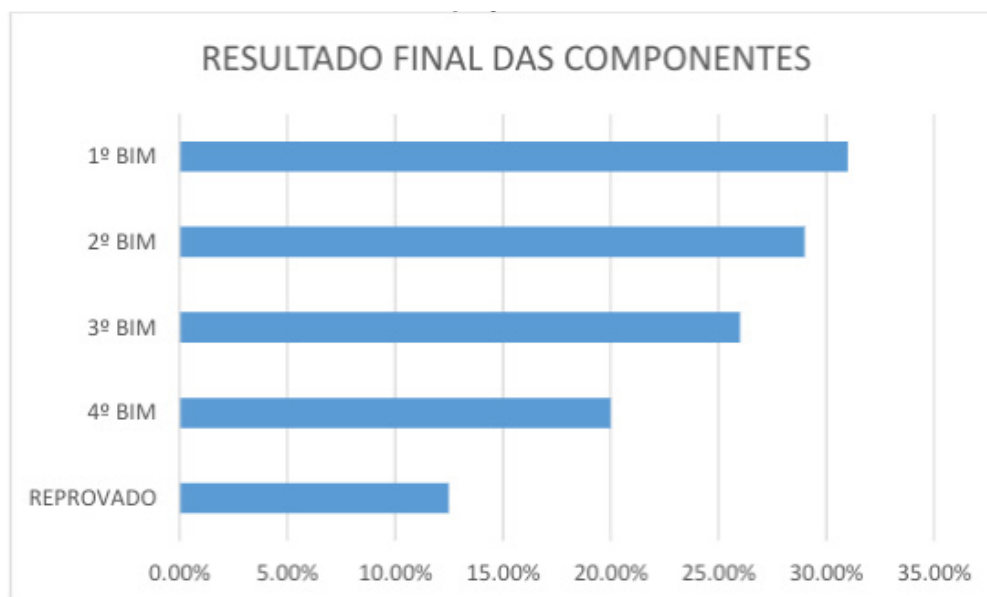


Figura 2: Gráfico demonstrando o resultado final das componentes que utilizaram o projeto.

Fonte: Autores, 2018.

Tomando por base o ano todo verifica-se uma melhora de 18% na média da totalidade dos estudantes com dificuldades, que pode ser atribuída ao projeto pois, dos discentes assistidos 9,37% não conseguiram alcançar a média ao longo do ano, sendo que em alguns casos o estudante não contribuía para o bom andamento e desenvolvimento do projeto, de acordo com relatórios dos anjos e dos próprios protegidos.

Dessa maneira, foi possível verificar o avanço dos discentes durante todo o processo, e sempre que necessário o projeto foi redirecionado, apontando novos caminhos, de forma a tornar o ensino mais dinâmico e eficaz. Isto posto, os objetivos estipulados no início da atividade foram alcançados. Desta forma acredita-se na viabilidade do projeto, porém necessita e pode ser melhorado.

5 | CONCLUSÕES

O estudante na condição de Anjo da Guarda, muitas vezes denominado monitor, tem a possibilidade de ter um espaço favorável para manutenção da aprendizagem efetiva e significativa. Entendemos que esta condição contribui para seu crescimento pessoal, acadêmico e profissional, aperfeiçoando suas habilidades. E para o discente com dificuldade de aprendizagem, na condição de protegido, percebeu-se que a evolução não fica restrita ao desempenho ou a notas, mas essa interação com o “seu anjo” muitas vezes tem resgatado sua autoestima.

Importante arrematar que a função do anjo não se restringiu a um simples ato de tirar dúvidas, visto que o anjo foi capaz de desenvolver estratégias de ensino a ponto de atuar como mediador do estudo colaborativo, aprofundando o estudo dos conteúdos das disciplinas e atendendo as demandas de interesse do protegido. E isto não quer

dizer que os estudantes anjo detêm competências e habilidades superiores à dos protegidos. Porém podemos destacar que os anjos possuem um domínio mais amplo de uma parte do conteúdo, porém, o protegido pode desenvolver domínio equivalente, desde que se dedique e trabalhe em conjunto com o seu anjo para avançar no estudo, na construção do conhecimento, e no domínio do conteúdo explorado.

Percebeu-se que com tantos benefícios e vantagens, a aprendizagem colaborativa é uma ferramenta valiosa, que potencializa a interação e autonomia dos estudantes como sujeitos ativos de seu processo de aprendizagem.

Neste sentido, embora reconheçamos que a proposta deve ser revisada em alguns aspectos, percebe-se que alcançou seus objetivos, pois melhora a formação acadêmica e o aprendizado dos estudantes, bem como promove a interação dos estudantes e a elevação de sua autoestima, motivando a ir em busca da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. & MASETTO, M. T. O professor Universitário em sala de aula. São Paulo: Associados, 1989. ANTUNES, C. Professores e professores: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ADRIANA; LAURA; MARTA. 2018. “Projeto: Anjo da Guarda”. Relatório entregue aos docentes coordenadores do projeto. Palmas.

BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). Leituras de psicologia para formação de professores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FRISON, L. M. B. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. Pró-Posições (UNICAMP. Online), v. 27, p. 133-153, 2016.

LINS, L. F. et al. **A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor**. In: IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2009, Recife. JEPEX 2009, 2009.

LÜCK, H. Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes, 1994.

NATARIO, E. G.; SANTOS, A. A. Programa de monitores para o ensino superior. Revista Estudos de Psicologia (PUCCAMP, Impresso), v. 27, jul/set. 2010. 355-364p.

NATÁRIO, E. G.; & VENDRAMINI, C. M. M. Motivos e dificuldades para o exercício da função de moitor na USF, segundo a opinião dos monitores. Anais do 1º Congresso de Pesquisa e Extensão. Bragança Paulista: Universidade São Francisco. 1998.

NITZKE, J.; CARNEIRO, M.; GELLER, M. Aprendizagem cooperativa/ colaborativa. Disponível em: <[http://www.nie.ufrgs.br/~alunosspg99/mara/ menu.htm](http://www.nie.ufrgs.br/~alunosspg99/mara/menu.htm)> Acesso em: 19 dez. 2000.

PANITZ, T. A definition of collaborative vs cooperative learning. Disponível em: <<http://www.lgu.ac.uk/deliberations/collab.learning/panitz2.html>> Acesso em: 14 dez. 2003.

SANTOS, A. G. **Monitoria como ferramenta auxiliar para aprendizagem da disciplina Matemática: uma análise de sua implementação no Ensino Fundamental**. Revista de Educação Matemática, v. 15, n. 18, p. 84-101, 2018.

SCHNEIDER, M. S. P. S. Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, 5ª Ed. v. Mensal, 2006. 65p.

TORRES, P. L.; ALCANTARA, P. R.; IRALA, E.A.F. GRUPOS DE CONSENSO: Uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.13, p.129-145, set./dez. 2004.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-466-5



9 788572 474665